



REINVENÇÃO E INOVAÇÃO: DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS

REINVENTION AND INNOVATION: CHALLENGES IN TEACHER TRAINING IN VISUAL ARTS

Aurélia Regina de Souza Honoratoⁱ
UNESC

RESUMO

Esta escrita apresenta reflexões sobre aspectos da gestão universitária e da formação profissional no ensino superior a partir da vivência da gestora de um curso de graduação em tempo de pandemia no contexto de uma universidade comunitária e de um curso de formação de professores e professoras em Artes Visuais. O processo de adaptação e reestruturação das aulas de ateliês e laboratórios de artes aparece na escrita como o desafio maior da gestão, já que a experiência com a prática artística é fundamental para a formação dos estudantes do curso. O que se apresenta como reinvenção para estas aulas é tratado aqui como inovação e considerado como potência na constituição de sujeitos na arte e pela arte.

PALAVRAS-CHAVE

Gestão universitária. Formação em artes visuais. Experiência. Inovação.

ABSTRACT

This writing presents reflections on aspects of university management and professional training in higher education based on the experience of the manager of an undergraduate course during a pandemic in the context of a community university and a training course for teachers in Visual arts. The process of adapting and restructuring classes in art studios and laboratories appears in writing as the biggest management challenge, since experience with artistic practice is fundamental for the training of students on the course. What presents itself as reinvention for these classes is treated here as innovation and considered as potential in the constitution of subjects in art and through art.

KEYWORDS

University management. Training in visual arts. Experience. Innovation.



Uma universidade e seu compromisso com a gestão universitária

A Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, que existe há 55 anos, é reconhecida na sociedade como universidade comunitária. Ela vem expandindo suas ações por meio de seus cursos de graduação e de pós-graduação nas diferentes áreas do conhecimento, articulando ensino, pesquisa e extensão. Ações que objetivam, dia a dia, cumprir com sua missão institucional que é a de: “Educar, por meio do ensino, pesquisa e extensão, para promover a qualidade e a sustentabilidade do ambiente de vida”

As instituições comunitárias da educação superior são as que não têm finalidades lucrativas e reinvestem todos os resultados na própria atividade educacional. São universidades criadas e mantidas pela sociedade civil e contribuem para o desenvolvimento do país através da oferta de educação de qualidade. Elas devem ser entendidas como fruto da aspiração de cidadãos que, ante a inexistência da oferta dos serviços básicos que a Constituição lhes garante, se unem para poderem acessá-los.ⁱⁱ

Além destas características as universidades comunitárias têm forte inserção nas comunidades regionais por meio dos seus projetos de extensão, que se complementam na disseminação do conhecimento científico partilhado pelo ensino e pelo conhecimento produzido pela pesquisa. Esta dinâmica faz parte da estrutura administrativa da UNESC que, junto com a gestão compartilhada, participativa e descentralizada compreendem os princípios fundamentais que alicerçam a sua missão institucional. Gestão compartilhada aqui compreendida como aquela que promove e permite que a comunidade acadêmica se envolva nas decisões institucionais, assim como possibilita mais autonomia aos diversos setores da instituição dentro dos limites de suas competências.

Nesta perspectiva quando penso a gestão universitária a partir de um curso de graduação em Artes Visuais me vejo acolhida e impulsionada a desenvolver ações que contribuam tanto com a instituição como um todo, como com a comunidade específica de nosso curso e suas demandas.



A gestão universitária abre espaço para uma compreensão mais abrangente do funcionamento da universidade e assim amplia os conhecimentos sobre os diferentes aspectos que configuram a instituição onde os professores e professoras trabalham e onde diferentes estudantes constroem suas formações. Ser gestora universitária traz na sua gênese a perspectiva da defesa de uma gestão colegiada e o mais possível compartilhada, que dá espaço a cada um e cada uma para juntos se construir um curso que aponte como foco uma formação profissional de excelência.

Tenho experiência como docente e como gestora na universidade, especialmente no Curso de graduação em Artes Visuais. Como professora, lá no início, não tinha noção do tamanho compromisso e responsabilidade que é a de conduzir pessoas por um caminho de formação acadêmica e profissional. Fui me construindo gestora, fui aprendendo a ser também uma melhor professora neste percurso.

A concepção de mundo e de sociedade presente na universidade traz a ideia de um mundo globalizado, intermediado pelos meios de comunicação de massa, um mundo veloz no que se refere à probabilidade de mudanças inesperadas, tanto na natureza quanto na ciência, na política e na economia. A sociedade que vive nesse mundo, ou podemos dizer as sociedades, em consequência, revelam-se, a cada dia, como um corpo sólido e movente na direção dos diversos valores que se impõem e se transformam a partir das realizações humanas em suas culturas, na interculturalidade e nos diversos contextos multiculturais.

Ao pensar nesta concepção, nos vimos em 2020/2021 imersos numa realidade que não havíamos imaginado. Acometidos por uma pandemia de uma doença respiratória causada pelo vírus chamado COVID 19. As formas de transmissão, conhecidas e divulgadas, são por contato com pessoas infectadas por meio das gotículas de fluídos que estas pessoas lançam no ar e que se depositam em superfícies que podem ser tocadas por outros e que levam as mãos a boca, aos olhos ou ao nariz. A partir destas constatações a ciência orienta que pratiquemos o distanciamento social e usemos máscara de proteção caso seja necessário estar com outras pessoas, além de manter constantemente as mãos limpas e desinfetadas com álcool em gel 70%.



Foi esta pandemia que levou a universidade a fechar as portas por quinze dias para então retornar com novas estratégias de ação junto a seus funcionários, professores e alunos. Uma mudança de rota abrupta e necessária, que nos colocou a repensar e reestruturar os espaços de formação profissional, premissa do ensino superior.

A formação profissional e seus desafios

A ideia de formação originária da *Bildung* – termo provindo do alemão que designa cultura, está diretamente ligada ao conceito de formação. É o idealismo alemão que cria o conceito de formação que acaba por se tornar elemento fundamental nos preceitos do ideário iluminista. A *Bildung* é, na filosofia, comparada a *Paideia* dos gregos e ao *Humanitas* dos latinos. As três construções fundam-se no desejo do Espírito das Luzes na busca pelo esclarecimento com base na razão e na experiência tendo como finalidade a emancipação do homem. Para ampliar esse olhar para a relação entre *Bildung* e formação trazemos um trecho de Berman extraído do estudo de Rosana Suarez sobre o histórico do conceito:

A palavra alemã *Bildung* significa, genericamente, “cultura” e pode ser considerado o duplo germânico da palavra *Kultur*, de origem latina. Porém, *Bildung* remete a vários outros registros, em virtude, antes de tudo, de seu riquíssimo campo semântico: *Bild*, imagem, *Einbildungskraft*, imaginação, *Ausbildung*, desenvolvimento, *Bildsamkeit*, flexibilidade ou plasticidade, *Vorbild*, modelo, *Nachbild*, cópia, e *Urbild*, arquétipo. Utilizamos *Bildung* para falar no grau de “formação” de um indivíduo, um povo, uma língua, uma arte: e é a partir do horizonte da arte que se determina, no mais das vezes, *Bildung*. Sobretudo, a palavra alemã tem uma forte conotação pedagógica e designa a formação como processo. Por exemplo, os anos de juventude de Wilhelm Meister, no romance de Goethe, são seus *Lehrjahre*, seus anos de aprendizado, onde ele aprende somente uma coisa, sem dúvida decisiva: aprende a formar-se. (Berman apud Suarez, 2005. p. 193).

São olhares sobre o conceito de formação que ainda determinam, em parte, o que somos, pensamos e fazemos hoje, pois mesmo apostando na educação como transformação o sentido metafísico de formação se mantêm. “Formar é formar-se, supõe aprimoramento e engrandecimento do espírito. Nesta elevação espiritual a



formação implica ruptura com o imediato e a passagem do particular ao universal; um sair de si, um lançar-se para além de si” (Favaretto, 2010. p. 230). Uma concepção que se detém sobre a experiência como unidade de um sujeito que precisa ser educado para determinado fim.

Pensar a formação no ensino superior, buscando abarcar as questões prementes e intempestivas da experiência contemporânea, é preocupar-se com as pessoas que por ele passam e que serão agentes ativos nos espaços profissionais que assumirão, assim como nos espaços sociais que convivem. Profissionais capazes de atuarem como cidadãos íntegros em todas as suas dimensões: ética, estética e política. Com competência técnica e habilidades profissionais capazes de preservar o conhecimento historicamente acumulado e de construir novos conhecimentos por meio da pesquisa e da prática reflexiva.

Esta formação é preocupação constante da gestão acadêmica, que se faz transparente e participativa, que respeita as diferenças individuais e permite a liberdade de expressão política, filosófica, cultural e religiosa. Ouvir os estudantes e docentes buscando atender as suas reivindicações e necessidades é premissa básica da gestão, pois é por meio dos diálogos que se constrói um espaço de formação que seja democrático e significativo a cada um e cada uma que ali estiver. É fundamental que todos sintam-se parte integrante e atuante na construção de um espaço de formação plural e democrático. E, por meio desta visão de formação é que o corpo docente e a coordenação do curso de graduação em Artes Visuais se moveram para reestruturar as aulas com seus conteúdos, metodologias, espaços e lugares, de modo a adaptarem-se ao tempo de pandemia, mas sem perder aquilo que nos é precioso: a formação profissional de excelência.

O Curso de graduação em Artes Visuais, no seu percurso de 54 anos formando professores e professoras, objetiva uma educação em arte, pela arte e com a arte voltada para a formação de profissionais comprometidos com o desenvolvimento científico, artístico e cultural da comunidade local e regional, assim como com a formação de profissionais habilitados para a produção, a crítica, a pesquisa e o ensino das artes visuais. Busca em sua prática construir uma educação transformadora, capaz de contribuir, entre outras necessidades, com a educação estética dos sujeitos.



Pensar a formação profissional em Artes Visuais é saber que grande parte dos conhecimentos desenvolvidos nos quatro anos de estudo pauta-se na prática de ateliês e laboratórios que dão base à produção artística. A experiência da pandemia e uma nova configuração de aprendizagem nos colocaram em uma situação desafiadora, onde gestão, professores e estudantes se percebem despreparados. E é preciso manter o equilíbrio e agir. Para Dewes e Bolzan (2018)

O gestor também precisa compreender que influências externas repercutem no ambiente interno da universidade. Conhecer e compreender as dinâmicas externas e as internas, bem como o quanto e como cada uma repercute na gestão tornam ainda mais complexa a função do gestor e sua atuação. É essencial que ele conheça seu contexto de atuação, bem como os sujeitos que pertencem a este contexto. Esse conhecimento torna-se essencial para que possa pensar, no âmbito da gestão, em ações estratégicas no que tange à atuação e estruturação da instituição. A organização ou construção de estratégias pressupõe planejamento para que as decisões tomadas e as ações efetivadas possam ir de maneira satisfatória e adequada ao encontro das demandas que emergem do contexto. Por isso, gestão implica em entendimento acerca da instituição, principalmente no que tange à sua manutenção, e dos contextos sociais e culturais construídos historicamente. (Dewes; Bolzan. 2018, p. 44)

Nossas ações iniciaram quando olhamos para a situação e recebemos as orientações da gestão superior. Focar na excelência do ensino cuidando de todos e de cada um. Os sintomas iniciais eram de ansiedade e sensação de despreparo. O tempo e as parcerias nos ajudaram na adaptação e solução das demandas que eram muitas. Estar em casa e fazer a gestão de um curso de graduação para mim soava muito abstrato, mas à medida que fomos vivendo e conduzindo as situações, a gestão, configurada de uma forma diferente daquela que estava habituada, passa a se tornar palpável e concreta.

Cuidar das demandas burocráticas e administrativas passou a ser possível, sem a necessidade da presença na universidade. Mas e os estudantes? As aulas de ateliês e de laboratórios? A interação entre alunos, professores, funcionários, comunidade acadêmica, como lidar? Interação esta que sempre foi uma das grandes agregadoras do engajamento docente e discente. A rotina do curso era a presença, o abraço, os encontros, a experiência. Reinvenção e coletividade foram a tônica.

É importante destacar que a UNESCO tem constituída e implementada a Assessoria Pedagógica Universitária, um lócus de pesquisa e de



assessoramento docente contínuo ao professor e ao desenvolvimento de novos produtos educacionais, dentre eles a criação de novos currículos e a reformulação dos já existentes. Formada por professores de diferentes áreas do conhecimento, a equipe, de natureza multidisciplinar, foi desafiada a desenvolver uma série de formações permanentes, documentos, manuais, roteiros, instrutivos, material multimídia, todos com foco em suportar as demandas apresentadas pelos docentes frente os novos desafios. A universidade também criou salas de apoio virtual tendo como lugar de hospedagem o Google Classroom, além do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA - Moodle e Learning Loop. (Silveira *et al.*, 2020)

E foi a partir da tônica assumida e deste contexto universitário que a coordenação do curso desenvolveu suas ações junto aos professores e professoras e aos estudantes. Desde então o corpo docente do curso participou de formações continuadas promovidas pela Diretoria de Ensino, reuniões virtuais de colegiado do curso, conversas via *Google meet* entre coordenação e docentes para troca e partilha de experiências. A coordenação buscou aprimoramento dos processos junto a secretaria do curso e os demais setores administrativos da universidade objetivando manter a excelência acadêmica, o conforto e atenção aos docentes e fortalecer o percurso formativo dos estudantes. A gestão do curso, com suas ações, buscou criar e fortalecer os vínculos, no processo de acompanhar de modo individual cada estudante, considerando seus limites, suas dificuldades e seus avanços.

Foram ações fundamentais que colocaram o curso em andamento e nos permitiram o afastamento necessário para olharmos para aquilo que temos de especificidade em nossa formação: as aulas de ateliês e de laboratórios artísticos. Aqui o processo se tornou mais desafiador, afinal acreditamos que a formação dos professores e professoras de Artes acontece pela experiência. Experiência esta trazida por Larrosa (2011) quando diz que ela se dá entre o conhecimento e a vida e formula, o que ele chama de princípios da experiência. Aqui especialmente trazemos o princípio da transformação como principal movimento da experiência no curso

Daí que a experiência me forma e me transforma. Daí a relação constitutiva entre a ideia de experiência e a ideia de formação. Daí que o resultado da experiência seja a formação ou a transformação do sujeito da experiência. Daí que o sujeito da experiência não seja o sujeito do saber, ou o sujeito do poder, ou o sujeito do querer, senão o sujeito da formação e da transformação. Daí que o sujeito da formação não seja o sujeito da aprendizagem (a menos que



entendamos aprendizagem em um sentido cognitivo), nem o sujeito da educação (a menos que entendamos educação como algo que tem que ver com o saber), mas o sujeito da experiência. (Larrosa, 2011. p. 7).

Esta perspectiva de formação e transformação se materializa no cotidiano das aulas de ateliês e laboratórios e no momento de reinvenção da sala de aula, que por conta da pandemia, precisou se efetivar de modos diversos sem prescindir do espaço que a arte e a produção artística ocupam na construção de cada professor e cada professora em formação inicial. Afinal:

A arte enquanto modo de expressão, produção de linguagem e de pensamento é espaço de criação de possíveis. Sua ação no mundo é transformadora por conta desse espaço. Desta forma não se pode estranhar que a arte se questione sobre o presente relacionando com o passado e com o futuro e atue sobre as diversas mudanças que surgem em nossa atualidade. A formação dos professores e professoras de Artes não pode estar descolada da perspectiva de que a arte ocupa tempos e espaços promovendo desvios de rota para a criação do pensamento. A arte para os professores e professoras em formação é mais do que sua área de estudos, ela é espaço de encontros que oferecem trilhas no sensível para a escuta do que muitas vezes escapa. Encontros que provocam pensamentos e estimulam o desejo de buscar sua própria voz, seu próprio caminho. Encontros que possibilitam travessias que chamam para a emancipação e para a autoria e que acontecem em meio a coragem de correr riscos e criar sentidos. (Honorato, 2015. p. 117).

A formação dos professores e professoras de Artes Visuais exige o envolvimento com os ateliês e os laboratórios de arte. Estes são lugares que acolhem o acontecimento dos processos artísticos individuais e coletivos, permitindo a experimentação de suportes, materiais, equipamentos. E, para além destas materialidades permitem a construção de relações entre teoria e prática. Os ateliês e os laboratórios são espaços que oportunizam a ampliação do repertório cultural e artístico do professor e da professora em formação. Como fazer então com aulas de ateliê e de laboratório mediadas pela tecnologia?

Experiência e reinvenção: inovação?



O curso tem na sua totalidade 40% de disciplinas de ateliês e laboratórios de arte. Quando dizemos Ateliês e Laboratórios tratamos aqui de espaços diferentes para o exercício da produção artística dos estudantes. Os ateliês são espaços que acolhem as disciplinas de produção voltadas para as linguagens artísticas visuais: desenho, pintura, gravura, cerâmica e escultura. Já os laboratórios são aqueles espaços de exercício da produção digital no campo da arte, da formação docente e da pesquisa. Os docentes destas disciplinas foram os mais impactados pela mudança no formato das aulas. No início houve uma certa indignação por parte dos estudantes, pois compreendiam que estávamos oferecendo aulas na modalidade EAD e eles haviam se matriculado em um curso presencial. Muitas conversas e explicações precisaram ser feitas por parte da gestão para que eles percebessem que as aulas mediadas por tecnologia teriam a presença de todos de modo síncrono, só que cada um em sua casa, pois a situação nos exigia. Também foram mais receptivos e acolhedores quando perceberam que estes professores e professoras das aulas de ateliês e laboratórios criaram em suas casas espaços de produção artística que simulavam os espaços da universidade. Muitos dos docentes do curso são também artistas e isso possibilitou esta interação significativa mesmo de modo remoto.

Uma das dificuldades iniciais enfrentadas pelos docentes tinha relação com o fato de alguns estudantes não terem acesso à internet e outros não terem computadores pessoais para participarem sincronamente das aulas remotas. Estes estudantes utilizavam internet quando estavam presencialmente na universidade, e com a necessidade do distanciamento social exigido ficaram sem este recurso. As alternativas encontradas pela gestão para minimizar estes problemas foi fornecer chip de internet móvel a quem precisava, assim como o empréstimo de *Chrome Books* a quem não tinha computador em casa.

Uma experiência pode ser aqui destacada buscando pensá-la sob o prisma da inovação. Será? Para Cunha:

As inovações se materializam pelo reconhecimento de formas alternativas de saberes e experiências, nas quais se imbricam objetividade e subjetividade, senso comum e ciência, teoria e prática, cultura e natureza, anulando dicotomias e procurando gerar novos conhecimentos. Entendidas como ruptura paradigmática, exigem dos professores reconfiguração de saberes e favorecem o reconhecimento



da necessidade de trabalhar no sentido de transformar, como refere Santos (2000, p. 346), a “inquietação” em energia emancipatória. Envolve o reconhecimento da diferença e implicam, em grande medida, um trabalho que consiste, especialmente, em gerir relações sociais com seus alunos. (Cunha, 2016. p. 94).

Talvez possamos pensar que uma aula de Ateliê de Cerâmica, onde os alunos, cada um em seu espaço de casa e a professora também em seu ateliê/casa desenvolveram suas produções individuais a partir das discussões sobre sequências e repetições de seus mundos em isolamento, passaram a observar e registrar, em fotografia, desenho, pintura, escultura, gravura, seus espaços/lugares habitados neste tempo e nesta situação. Criaram uma produção coletiva intitulada SÉRIES: aberturas. Aberturas pensadas como passagem e permanência. O ateliê se tornou presente e a experiência aconteceu. Posso dizer que com o trabalho realizado no percurso do semestre a disciplina cumpriu com seus objetivos. Uma experiência exitosa que pode sim ser pensada como inovação. A aula de ateliê se transforma.

A aula é o cenário do encontro e das múltiplas possibilidades que professores e alunos têm de fazer dele um tempo de aprendizagem, de trocas, de descobertas e de experimentação. Essa condição exige, porém, um alargamento do conceito de aula, que explode as linhas retas do espaço retangular que a dimensiona e inclui o movimento e a possibilidade de novas racionalidades. Exige, ainda, uma reconfiguração dos históricos papéis atribuídos ao professor e aos alunos, numa relação mais horizontal, com responsabilidades e autorias partilhadas. Essa condição não significa que o professor deixe de exercer suas atribuições propositivas nem prescindir de intencionalidade pedagógica. Significa que ele pode incluir nessas responsabilidades a condição coletiva. (Cunha, 2016. p.95)

E nos demais ateliês: de Pintura, de Desenho, de Gravura, e laboratórios: de Imagens Digitais, de Desenho Digital, os professores criaram estratégias de interação com os estudantes de modo que eles produzissem e se sentissem atuantes em seus processos de criação artística. Estas experiências possibilitaram aos docentes a aproximação e o afastamento necessários para buscarem entender o professor e a professora em formação, apoiados em Rancière (2012), como um novo espectador, um espectador emancipado que a partir das experiências estéticas que vivencia torna-



se ativo oferecendo sua própria tradução, se apropriando das histórias e fazendo a sua própria história. Constituindo-se sujeito na arte e pela arte.

Os movimentos e mudanças que foram acontecendo acabaram por criar novos modos de relacionamento entre gestão, docentes e os estudantes no dia a dia. Todos hoje fazem parte de grupos de *WhatsApp* que são organizados por disciplina, pela secretaria do curso. Todos fomos impelidos a aprender o uso de tecnologias que estavam em nossas vidas, mas de um modo menos intenso. Estudantes, professores e coordenadora abriram suas casas e criaram novas relações com a universidade e o conhecimento.

Exigências que transgridem o espaço acadêmico são, normalmente, também transgressoras do tempo, tendo um caráter muito mais policrônico, pois o mundo é complexo, contraditório, denso, multidisciplinar, exigindo soluções de muitas naturezas, ao mesmo tempo. Nele se pode e se deve desenvolver projetos, onde há que se jogar com os imprevistos e singularidades dos momentos. Talvez sejam esses os grandes impulsionadores das inovações. (Cunha, 2016. p. 99)

A escrita deste texto/relato acontece como modo de refletir sobre a experiência que tivemos e sobre a responsabilidade que temos na formação de professores e professoras de Artes Visuais. Em como a prática nos ateliês e laboratórios de criação artística são fundamentais nesta formação. A meu ver o professor e a professora que tem a experiência com a arte, com a criação artística, é alguém aberto para a transformação, para a mudança. E essa mudança do professor, da professora na escola, tem potencial de mudar a escola e o aluno que está na escola que vai multiplicar essa mudança nos espaços que ocupar. A arte como experiência que não está contaminada e nem é confundida com a ideia de experimento, pois a experiência é singular enquanto o experimento é genérico. Larrosa diz que “Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade” (2017. p. 34). Na experiência não se busca alcançar um objetivo previsto, pois ela é um caminho para o desconhecido que abre espaços para diferentes instantes que são misteriosos, secretos, incógnitos.



Os reflexos desta inovação que nasce na pandemia e que se espraia hoje nas práticas de ateliê e de laboratório, aos olhos e modos de atuação da gestão, dos docentes e discentes, se configura como reinvenção. Pensar maneiras de cada um se reinventar pelas mudanças é pensar espaços possíveis na vida e em seus infinitos deslocamentos, atravessamentos, agitações, arrebatamentos, deslizos, percalços, avanços. É aprender a conviver com esses acontecimentos e com eles produzir pensamento, criar e encontrar-se como um corpo que vibra e sente as infinitas experiências que o sensível pode promover. É entregar-se ao desconhecido.

Referências

CUNHA, Maria Izabel da. Inovações na educação superior: impactos na prática pedagógica e nos saberes da docência. **Em Aberto**, Brasília, v. 29, n. 97, p. 87-101, set. 2016. Trimestral.

DEWES, Andiara; BOLZAN, Doris Pires Vargas. Gestão universitária a partir da narrativa de professores gestores de departamentos didáticos. **Revista de Gestão e Avaliação Educacional**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 39, 18 abr. 2018. Universidade Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/2318133830806>.

FAVARETTO, Celso. Arte Contemporânea e Educação. **Revista Ibero-americana de Educação**, Buenos Aires, n. 53, p.225-235, maio 2010. Semestral. Disponível em: <https://rieoei.org/historico/documentos/rie53a10.pdf> Acesso em 27 maio 2021

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de Artes**: espaços do possível. 2015. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015. Disponível em: http://pergamum.unisul.br/pergamum/pdf/110516_Aurelia.pdf. Acesso em: 27 maio 2021.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n 2, p. 04-27, jul/dez. 2011. Tradução de Maria Carmen Silveira Barbosa e Susana Beatriz Fernandes.

_____, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SILVEIRA, Daniela Arns *et al.* **Caderno Pedagógico UNESCO**: possibilidades de percurso formativo efetivo. Criciúma: Unesc, 2020. 209 p.



SUAREZ, Rosana. Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural). **Kriterion**: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, n. 112, p.191-198, fev. 2005.

Notas

ⁱ Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense. Graduada em Educação Artística pela Fundação Educacional de Criciúma. Professora na Universidade do Extremo Sul Catarinense. Email: arh@unesb.net. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5183610256488469>

ⁱⁱ <http://www.unesc.net/portal/reitoria/universidade-comunitaria> acesso em 28/04/2024